

## **FEMINISMO NEGRO: (RE)EXISTÊNCIAS, OS DESAFIOS SER MULHER NEGRA NO BRASIL—UM ESTUDO DE CASO ENTRE AS DISCENTES E SERVIDORAS DO IFTO CAMPUS GURUPI**

Andressa Martins Vieira<sup>1</sup>, Bruna Kauanny Sousa Martins Dias<sup>2</sup>, Adelma Ferreira de Souza<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação Científica. e-mail: <andressa.vieira@estudante.ifto.edu.br>

<sup>2</sup>Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação Científica. e-mail: <bruna.dias@estudante.ifto.edu.br>

<sup>3</sup>Professora de Sociologia do IFTO, Campus Gurupi e Coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Juventude Etnicidade. NEPU/Ubuntu

### **Resumo:**

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre Feminismo Negro, no IFTO Campus Gurupi. Esta é uma temática que abrange um movimento político e social pelos direitos das mulheres afrodescendentes, caracterizadas como "o "outro" do outro" pelo nossa sociedade. Teve-se uso de pesquisas de campo com servidoras e alunas -tanto de ensino médio quanto de ensino superior- negras no IFTO campus Gurupi. Além disso, os métodos utilizados foram Estudo de Caso e Materialismo Dialético. Foram feitas também Pesquisa Bibliográfica sobre Feminismo Negro onde se teve base para escrever este artigo. Foram feitas pesquisa de campo presencialmente e também via google meet com 16 mulheres servidoras, estudantes dos cursos técnicos integrados e do ensino superior. Dos resultados encontrados, percebe-se todas as mulheres negras entrevistadas já sofreram alguma forma de racismo. A maior parte delas sofreram violência sexual, em alguns casos, mais de uma vez, em diferentes faixa etária e por pessoas próximas e desconhecidas. Com esses dados, o artigo objetivou compreender o significado social e étnico-racial do que é ser Mulher Negra no Brasil, a partir das experiências de discentes e servidoras do IFTO campus Gurupi, e assim também, buscar formas em que a escola pode ser instrumento pedagógico de emancipação das amarras do pensamento dominante e violento e de combate ao machismo, racismo, intolerância, preconceito e opressão.

**Palavras-chave:** feminismo negro, IFTO, violência, racismo, resistência.

### **1 INTRODUÇÃO**

A mulher negra sempre teve um histórico de opressão, objetificação e sexualização. Temos o histórico brasileiro de colonização e miscigenação, em que as famílias africanas escravizadas por muitas vezes eram separadas e as mulheres eram violentadas e estupradas, gerando assim a mestiça população brasileira atual.

Com o passar dos séculos a situação das mulheres negras tornou-se relativamente melhor, contudo, ainda é necessário desconstruir um pensamento atual de que mulher negra e a mulher branca se encontram em situação de igualdade. E consecutivamente construir um pensamento em que as realidades entre diversidades étnico-racial ainda são díspares e longe do ideal, onde a mulher negra se torna invisível ou extremamente imperceptível, dependendo do contexto. Esse fato fez com que, no nosso país, ainda hoje não se tenha desintegrado as estruturas tanto materiais quanto mentais da herança escravocrata que afincam aos negros e, especificamente, as mulheres negras e seus descendentes. Ou seja, as mulheres negras não possuem a oportunidade de vivenciar seus direitos enquanto cidadãs, uma

vez que, “a cor da pele colocou homens e mulheres negros no Brasil em profundo desmerecimento social, material e moral [...]. Fez a mulher negra participar do duro jogo da exploração, da violência e da humilhação.” (OLIVEIRA, 2014).

Entretanto, não se pode ignorar toda a luta das ativistas negras e toda a reivindicação das mulheres que lutam por um feminismo mais interseccional, isto é, que estabelece uma intersecção de classe e étnico racial entre as opressões que uma mulher pode sofrer. O “feminismo interseccional” se atenta às particularidades de cada mulher e entende que as repressões sofridas por uma mulher branca, uma mulher negra e uma mulher lésbica, por exemplo, são diferentes, mas se interseccionam; e que as mulheres não podem escolher por qual opressão lutar.

Segundo Djamila Ribeiro, em uma entrevista ao Nexo Jornal, "Esse negro que marca o feminismo é uma maneira de mostrar que são mulheres negras que estão pensando a sociedade, não é necessariamente a gente pensando só nas mulheres negras". (RIBEIRO, 2018). Ou seja, o feminismo negro não trata apenas da realidade das mulheres negras, mas dá espaço para essas mulheres pensarem criticamente e reivindicarem os seus direitos. E por se tratar de mulheres negras refletindo de forma crítica, o Feminismo Negro concilia as questões de gênero às questões de raça, e combate o racismo, o padrão de beleza eurocêntrico, luta por mais espaço no mercado de trabalho para mulheres negras, dentre outros.

Além de todos os problemas a que lhes são impostos, a mulher negra ainda teve seu corpo transformado em um objeto de desejo, explorado e inferiorizado por um padrão social criado pela classe opressora branca. Silenciar ou omitir-se diante de tais problemas é ser cúmplice dessa estrutura de discriminação e da violência. Cabe-nos então questionar: Qual é o papel da escola para a modificação deste cenário catastrófico que vivem a população negra brasileira, e em específico, a mulher negra?

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa foi norteada por uma Abordagem Qualitativa para entender as subjetividades de ser Mulher Negra no Brasil, fazendo uso de um trabalho empírico com perguntas em um roteiro semiestruturado. Segundo Minayo (2008) a pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais possibilita ao pesquisador/a aprofundar na compreensão dos fenômenos que se estuda, buscando entender como as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos. Um dos métodos também utilizado foi o método Materialismo Dialético, uma vez que não dá para discutir a condição da mulher negra, gênero, sexualidade descolada da realidade de classe, engendradas a partir das estruturas econômicas da sociedade brasileira. Desta forma, a análise dialética leva em consideração a historicidade dos fenômenos e as suas contradições engendradas ao longo do tempo pelos ordenamentos das relações sociais. Neste caso, a proposta da dialética de Marx se difere radicalmente da dialética de Hegel, pois,

na perspectiva de Marx,, a dialética Hegel mistifica o real, que define o pensamento, a consciência pela ideia dos sujeitos a partir de leis abstrata, que diminui as situações reais e mascara a consciência do homem. Entender a representação social do que é ser Mulher Negra no Brasil é necessário compreender como se deu as bases econômicas e ideológica sobre o lugar dos negros, em especial, a mulher negra na sociedade brasileira.

Já que a pesquisa foi realizada com discentes do Ensino Médio Técnico Integrado, alunas dos cursos superiores e servidora do IFTO *campus* Gurupi, outro método utilizado foi o Estudo de Caso. Para Yin (2001), o estudo de caso se dá quando queremos aprofundar em determinados aspectos de um problema que não pode ser entendido fora do seu contexto, como as subjetividades na relação de classe, gênero e sexualidade das mulheres negras do IFTO Campus Gurupi.

Foi utilizado também dados quantitativos sobre as discentes, levantados junto ao Sistema Integrado de Gestão Acadêmica e na Coordenação de Gestão Pessoas do IFTO *campus* Gurupi para identificar o número de mulheres que se autodeclaram negras e pardas. Com relação a pesquisa qualitativa, não se pensou a priori, em um número específico de entrevistas, mas uma amostragem que possa ser representativa das opiniões e subjetividades das mulheres negras, jovens e adultos no IFTO. Dessa forma foram entrevistadas 16 mulheres, sendo 3 dos cursos superiores, 5 servidoras e 8 alunas dos cursos médios integrado do IFTO, *campus* Gurupi. Foram realizadas entrevistas presenciais, mas também tivemos que adaptar a nova realidade da Pandemia do Covid 19 e das atividades remotas, por isso, houve entrevista que foram via *google meet*.

Os dados foram sistematizados e analisados também por meio de instrumentos estatísticos, mas principalmente por Análise do Discurso, que segundo Caregnato & Mutti (2006, p. 680) “tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação”. Desta forma, buscaremos analisar as entrevistas buscando apreender os elementos históricos, econômicos, ideológicos e culturais que engendram à categoria Mulher Negra na sociedade brasileira.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Seguindo a metodologia já citada anteriormente, foram levantados dados sobre as discentes à nível médio e superior, procurando correlacionar as questões étnico-raciais, de gênero e de renda. Assim sendo, têm-se inicialmente o levantamento dos dados em totalidade, realizando uma divisão dos alunos por sexo. Diante disso, é possível analisar que tanto no ensino médio (Masculino = 51%; Feminino = 49%), quanto no ensino superior (Masculino = 57%; Feminino = 43%), há pouca diferenciação com relação ao gênero, ainda que os alunos estejam em maior quantidade que as alunas em ambos os casos.

Posteriormente, correlaciona-se a totalidade de alunos, agrupados por curso e diferenciados por gênero. Diante dessa correlação, é possível observar que, em cursos de exatas, tidos como “difíceis” ou de “elevada intelectualidade”, há uma enorme discrepância entre a quantidade de alunos e alunas. No ensino médio, no curso de Edificações, têm-se 63% no grupo masculino e 37% no grupo feminino. Já no ensino superior, no curso de Engenharia Civil, têm-se 74% de homens e 26% de mulheres. É importante ressaltar que os dados levantados são de períodos de tempos diferentes: Com relação ao ensino médio, os dados datam do ano de 2012 para o curso de Agronegócio, obtendo um certo aumento de alunos no ano de 2016, com a criação dos cursos de Administração e Edificações. Enquanto que, em relação ao ensino superior, a periodicidade diante da criação dos cursos não foi fornecida. Essa questão causa certas divergências quanto aos números totais, mas não altera as proporções que são relevantes para as análises deste artigo.

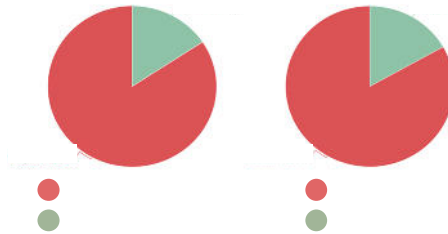
Para que as questões das alunas, em específico, possam ser aprofundadas, principalmente ligado aos aspectos étnico-racial, formou-se comparações entre as porcentagens das discentes autodeclaradas pretas e pardas, e das brancas, amarelas, entre outros. A partir disso, observa-se, no ensino médio e superior, uma disparidade entre o grupo de pretas/pardas e o grupo de brancas/amarelas/outros. Entretanto, é necessário destacar que no grupo de pretas/pardas, há uma quantidade mínima de alunas que se autodeclararam pretas. Este fato nos leva a refletir sobre a questão da miscigenação no Brasil, que ocasionou em uma desidentificação da negritude brasileira, e um constante afastamento e negação de qualquer traço afrodescendente. E para que isso ocorresse, surge o ‘pardo’, como forma de concretizar esse negacionismo.

Figura 1 Gráficos dividindo as porcentagens do grupos de alunas que se autodeclararam brancas, amarelas e outros e das que se autodeclararam pretas ou pardas, no **ensino médio** (gráfico 1) e **ensino superior** (gráfico 2)



amar.: Amarelas; etc.: Não identificadas.

Figura 2 Gráficos demonstrando as porcentagens de alunas que se autodeclararam pretas ou pardas, no **ensino médio** (gráfico 1) e **ensino superior** (gráfico 2)



Além das questões relacionadas à predominância quantitativa ou não das alunas pretas e pardas no IFTO, surge a necessidade de explorar a renda familiar de ambos os grupos. Tendo isso em vista, foi analisado que no ensino médio, as alunas que autodeclararam-se pretas, têm uma renda familiar menor do que as que autodeclararam-se pardas. O que é subvertido no ensino superior, por conta da persistente dificuldade de inserção de alunos baixa renda na graduação, principalmente quando se trata de alunos e alunas pretas. Trazendo esta questão com maior exatidão quantitativa, foi levantado que, no médio, 66% das alunas pretas tinham uma renda familiar de até 1 (um) salário mínimo, enquanto têm-se 37% das alunas pardas com tal renda. Já no superior, 48,3% das alunas pardas tinham uma renda familiar de até 1 (um) salário mínimo, sendo que 38,9% das alunas pretas apresentam esta renda familiar.

A priori, em boa parte das entrevistas realizadas, é possível notar que as mulheres negras tiveram seu primeiro contato com o racismo e machismo já dentro da escola, presumivelmente por terem seus primeiros contatos com crianças e adultos que têm perspectivas de vida variados; principalmente no que se refere às crianças, que são muito influenciadas pelo meio onde vivem. Fosse com colegas de turma, fosse com aqueles que faziam parte da equipe escolar, muitas descobriram cedo a sensação de inferioridade devido ao fato de serem mulheres, mas principalmente, devido à sua negritude. Essa questão foi evidenciada na fala de uma das entrevistadas: "a escola é o oceano onde deságua os rios do preconceito" (Entrevistada C). Assim sendo, as meninas negras são condicionadas, desde muito cedo, à posição de "outro" do outro, termo cunhado por Grada Kilomba (2019), que demonstra a dupla opressão sofrida pela mulher negra, isto é, a mulher negra é o "outro" em relação ao gênero e à raça.

Vale ressaltar que, ao passarem por situações abusivas, de assédio e violência sexual e decidem pedir algum tipo de ajuda para resolver o problema, acabam por sofrer preconceitos dos seus tais "ajudantes" com justificativas do tipo: "elas permitiram a situação e, provavelmente, estão apenas se vitimizando", ou até chegam a não dar tanto importância e/ou relevância assim para os fatos, tratando aquilo como algo normal e esdrúxulo. Isso pode ser notado na fala de uma das entrevistadas: "A sociedade tem mania de culpar as mulheres pelo abuso que acontece" (Entrevistada A). Diante disso, esta situação expõe nitidamente a solidão sentida por estas mulheres que, além de não presenciarem representatividade em diversos nichos sociais e de serem naturalizadas no "mercado do sexo" (PACHECO, 2013), têm sua voz silenciadas em situações que deveriam ser ouvidas com emergência.

À vista disso, em um relato marcante percebe-se a consciência da realidade vivenciada por elas, negras, e das mulheres de um todo: "O assédio está em todo lugar, e o estupro, como qualquer outro tipo de violência [...] Até porque eu não sofri em um lugar específico somente. Em todos os lugares que a gente anda, nós sofremos assédio um dia ou outro." (Entrevistada M)

Devido ao histórico de violência, abusos, preconceitos, exploração, inferiorização de todas as formas possíveis, a mulher negra acaba sentindo-se coagida diante da imposição do padrão de beleza eurocêntrico. Essa repressão é repassada em âmbitos como a escola, o trabalho e até mesmo no ambiente familiar, como transparece uma das entrevistadas: "Eu não tenho autoestima [...]. Eu não me acho bonita. Porque eu sou gorda, porque minha pele não tem só uma cor, parece que é cheia de manchinhas [...], porque na minha família é muito normal você falar termos pejorativos. Eles não ligam pro que tão falando, eles estão falando mesmo assim." (Entrevistada J). Além do mais, existe uma tentativa de embranquecê-las graças a esse mesmo padrão como afirmado por uma das entrevistadas: "Querendo ou não, quando você é a única pessoa que é negra na sua família, ou quando têm poucas pessoas que são negras, eles querem te embranquecer de certa forma. Querem que o seu cabelo seja liso, eles querem que você seja parecido com eles." (Entrevistada K).

Concomitantemente, embora muitas das entrevistadas afirmassem sentirem-se seguras dentro do IFTO no *campus* Gurupi por ser um local bastante "livre" e aberto à discussão em diversos aspectos, elas têm conhecimento de boatos sobre casos de assédio na própria instituição, o que as fazem questionar essa segurança local. Além do mais, não se é possível ter a sensação de segurança dentro da cidade em que vivem, pior ainda quando se trata de sair pela noite desacompanhadas. É importante destacar que, geralmente, as mulheres conseguem ter essa sensação de segurança se estiverem acompanhadas por um grupo de pessoas ou de um homem conhecido; sendo que, por vezes, nem mesmo essa companhia auxilia na busca por segurança. Ou seja, o simples fato de serem mulheres, acaba impedindo-as de fazer certas coisas, seja das mais simples às mais complexas, pelo fato de que o "bairro" e a própria "cidade" não permitem.

Salienta-se ainda que a maioria das entrevistadas declararam não terem tido relacionamentos sérios e/ou tiveram poucos. Além disso, algumas delas diziam que a maioria dos seus casos foram com homens negros já que a sociedade não permite de forma mais segura, liberta e respeitosa, relacionamentos de negras com brancos. Em contraponto, algumas diziam que se relacionavam, preferencialmente, com brancos, por uma questão bastante disseminada em determinadas famílias de maioria preta: o fato de que, se os jovens negros da família tiverem filhos com pessoas brancas, seus filhos serão mais claros e, conseqüentemente, sofrerá menos preconceito. Essa concepção é vista na teoria do Colorismo, em que o tom de pele é determinado como o expoente no acesso à privilégios e à preconceitos, ou seja, quanto mais clara uma pessoa for, ela sofrerá menos discriminação e terá mais

oportunidade; obtendo o resultado contrário se uma pessoa for mais escura. Ainda analisando as respostas sobre relacionamentos, o fato das mulheres negras terem uma vida amorosa “escassa ou deficiente”, reforça ainda mais os aspectos da solidão da mulher negra.

Um ponto extremamente importante levado em conta nas entrevistas foi: como o IFTO contribui no combate ao racismo e machismo e de que maneira ele deveria melhorar. Como já dito anteriormente, o Instituto Federal é um local onde boa parte das entrevistadas sentiam-se seguras, destacando a diversidade e discussões proporcionadas por esse meio. Mas ainda sim, foram apontados aspectos que poderiam melhorar em relação à essas questões, como a falta de um maior encorajamento da instituição para com os alunos, incentivando-os à discutir sobre estes fatores mesmo fora de datas comemorativas ou eventos especiais. De acordo com as entrevistadas, palestras, mesas redondas e rodas de conversas que refletem sobre esses assuntos são muito significativas, principalmente quando são realizadas de modo a prender a atenção do aluno, estimulando sua participação.

Para uma finalização, quando questionadas sobre o que é ser uma mulher negra convivendo nesse meio social atual, as entrevistadas mostraram que ser uma mulher negra é ter consciência das situações que -infelizmente- estarão condicionadas a passar, sabendo se impor, lutar e buscar justiça pelos seus direitos e igualdade deles. Como apresentado por elas, ser mulher negra tem muitas definições, mas que podem ser em torno de duas palavras centrais: resiliência e resistência. Elas precisam lutar cotidianamente contra uma sociedade machista, opressora e racista, sabendo impor seu caráter e coragem para assumir responsabilidades de julgamento quando conquistam altos postos profissionais entre outras conquistas na vida, já que muitos vão justificar o ocorrido com frases típicas de que "conseguiu porque é bonita/ tem um 'bom' corpo e etc." E são nessas situações que elas precisam aprender a se amar porque a sociedade vai buscar reprimi-las cada vez mais.

Por continuidade, elas afirmaram que ser mulher negra é saber que o problema não está nelas por serem pretas e sim da sociedade em que vivem. Como dito por uma das entrevistadas: "é culpa dos 400 anos de escravidão sofridos por nossos antecedentes no país" (Entrevistada C). Por fim, como fala de uma entrevistada: ser mulher negra "é ser resistente através do seu Black, da sua trança, da sua saia longa, do seu turbante, é você se assumir como mulher negra." (Entrevistada C).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o estudo, percebemos que a mulher negra vivencia cotidianamente o preconceito, o machismo e uma severa opressão por sua origem afrodescendentes. A luta das mulheres negras está longe de acabar já que, enquanto as brancas lutam para ter seus direitos como mulheres no meio social, as afrodescendentes têm sua luta dobrada em busca de reconhecimento como mulher e como ser humano também. Sendo assim, como questionado sobre qual seria o papel da escola para a modificação deste

cenário em que vivem a mulher negra brasileira, podemos concluir que, quanto mais estudos houver sobre a situação dessas mulheres no meio social, quanto mais mobilização e busca de mudanças, começando pela reeducação no âmbito escolar, mais avanços pode-se fazer na sociedade.

## REFERÊNCIAS

CAREGNATO, R.C.A; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>> Acesso em : 20/08/2019.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas**: 200. Ricardo Pereira Tassinari; Agemir Bavaresco; Marcelo Marconato Magalhães (Orgs.). Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro Primeiro, vol. I, Tomo I, São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção Os Economistas.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

OLIVEIRA, F. **Mulheres Negras Contos e Literatura: uma análise da condição da mulher negra no final do século XIX a meados do século XX**. Recife: 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2309/731>> Acesso em: 15/11/2020.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013. (Coleção Temas Afro).

RIBEIRO, D. **O feminismo negro: entrevista com Djamila Ribeiro**. Publicado pelo canal Nexo Jornal, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0k1mh7N8Caw>> . Acesso em:20/12/2019.

YIN, R. K. **Estudo de Caso \_ Planejamento e Método**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001